

*Flavia Felix
Costa e Juliana
Almeida Weizel
de Fontoura
Barreto*

Graduanda em Direito pela Universidade Estácio de Sá e Bacharel em Relações Internacionais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, respectivamente.

Recebido em: 08/10/2020
Aprovado em: 06/10/2021

KOBANÎ: UM PASSO PROMISSOR NA LUTA PELA AUTONOMIA

KOBANÎ: A PROMISING STEP IN THE BATTLE FOR
AUTONOMY

RESUMO: O Oriente Médio, no século XXI, tem sido palco de diversas guerras travadas internamente ou com ingerência de outros países. Um dos marcos para tais conflitos foi a internacionalmente conhecida Primavera Árabe, esta que se disseminou e atingiu o país do presidente Bashar Al-Assad, sendo seguido por um crescente afloramento da Guerra Civil síria. Dentro deste contexto, o presente artigo prima por uma particularidade que o Sistema Internacional tem se absterido quase que por completo, a questão curda. Por toda a história, os curdos têm sofrido com a negação, opressão, assimilação e exclusão da ordem estatal, mas para além destes reveses, o povo do Curdistão Sírio (Rojava) precisou combater a grande ameaça global, o Daesh. A partir destas considerações, o artigo destaca o processo da retomada de Kobanî como um evento crucial para a análise da participação curda na Guerra. Além disso, o trabalho compreende a complexidade da conjuntura e, portanto, visa abordar a construção da autonomia destes em Rojava e a decisão de seguir uma “terceira via” durante a Guerra Civil. Para tal fim, realiza-se este trabalho fazendo uma análise qualitativa do estudo de caso de Kobanî, ressaltando os aspectos relevantes para o entendimento dos eventos acerca da luta por autonomia e, assim, viabilizar o objetivo de estabelecer a importância das diretrizes supracitadas durante o conflito. O qual resultou numa vitória, que se entende por meio desta pesquisa, sendo somente possível, em grande medida, devido ao desenvolvimento da consolidação do projeto político curdo.

Palavras-chave: curdos; Kobanî; Rojava; confederalismo democrático; Oriente Médio.

ABSTRACT: The Middle East, in the XXIst century, has been a site of inner battles or encroachments by other countries. One of the benchmarks for such conflicts was internationally known as Arab Spring, which spread through the region and reached president Bashar Al-Assad’s country, being followed by a growing outcrop of the Syrian Civil War. Within this context, the present article



stands out for a particularity that the International System has almost completely abstained from, the Kurdish issue. Throughout history, Kurds have suffered from denial, oppression, assimilation, and exclusion from the state level, but in addition to these setbacks, the people of Syrian Kurdistan (Rojava) had to fight against a great global threat, the Daesh. Upon those considerations, the article highlights the Kobani resumption process as a crucial event in order to analyze the Kurdish participation in the war. Beyond that, this work understands the complexity of the conjuncture and, therefore, aims to address the construction of their autonomy in Rojava and the decision to move through a “third path” over the Civil War. For that purpose, this work is carried out through a qualitative analysis based on the case of Kobani, highlighting the pertinent aspects to accomplish a better understanding of the events regarding the battle for autonomy and, thus, make possible the objective of establishing the importance of the aforementioned guidelines during the conflict. Which resulted in a victory, that it's understood through this research, as being possible, largely, due to the development of the Kurdish political project consolidation.

Keywords: kurds; Kobani; Rojava; democratic confederalism; Middle East.

1 INTRODUÇÃO

As Relações Internacionais abrangem temas sensíveis para a resolução de conflitos, numa complexidade digna de um tabuleiro de xadrez. Contudo, na contemporaneidade, alguns assuntos passam a ser caros aos estudiosos da área que tentam compreender o mecanismo do Sistema Internacional. Entre esses objetos de análise está o que visamos abordar nesse artigo, o povo curdo. Para além dos conflitos vivenciados pelos curdos, o trabalho busca evidenciar aspectos cruciais para o entendimento do que compõe a atual maior nação sem Estado, lançando luz à sua história.

Tendo em vista os processos de desenvolvimento do Curdistão após a dissolução do Império Turco-Otomano, optou-se por dar enfoque ao evento mais recente e crítico, que é o Cerco de Kobani, o qual envolve como atores os próprios curdos, a Síria, a Turquia e o Daesh (auto-intitulado Estado Islâmico). A partir dessas considerações, a pesquisa desenvolve as conjunturas que circundam o processo da retomada de Kobani, o qual se concebe por meio da busca pela autonomia como um evento crucial para a análise da participação curda na Guerra.

Para além disso, o artigo compreende a complexidade da relação entre Turquia e Síria e, por conseguinte, visa abordar a construção da emancipação em Rojava e a decisão de seguir uma “terceira via” durante a Guerra Civil. Nesse cenário, entende-se que o Confederalismo Democrático, configurado pelo líder do Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK), Abdullah Öcalan, e estabelecido em Rojava, foi fundamental para a integração da comunidade na vida política e militar, garantindo, indiretamente, o almejo da autonomia. Assim

sendo, em outras palavras, o foco é compreender como o cerco à Kobanî redimensionou a reivindicação curda.

Para tal fim, realizou-se o estudo com base no caso explanado, analisando qualitativamente, para além da consolidação do projeto político, os eventos e a vitória contra o Daesh. Dessa forma, tem-se como objetivo debater sob uma nova perspectiva um assunto que apesar de sua longa existência e complexidade, ainda não possui o devido destaque na comunidade internacional, o que reduz a disponibilidade de auxílio ao povo curdo.

2 CURDISTÃO, CURDOS E NACIONALISMO

Para desenvolver as questões citadas, é necessário compreender primeiramente o contexto do processo identitário e de constituição do Curdistão. Essa temática é um grande exemplo utilizado nos dicionários de Relações Internacionais para a diferenciação de pátria e nação, conceitos que muitas vezes se confundem. Por isso, é importante esclarecer que “pátria, significa *pater* (pai) e corresponde na sua origem à propriedade das comunidades patriarcais, pertencentes ao patriarcado romano” (SOUSA, 2005, p. 140).

Já o termo nação é definido pelo mesmo autor como um “conceito fluido” e não deve se confundir com o Estado, por mais que na maioria dos casos, eventualmente, esse acabe sendo o resultado. O que poderia ocorrer de dois modos, como na França e na Alemanha, onde primeiro se elaborou o sentimento de nação para depois haver a construção de um Estado; ou como na América Latina, onde a relação foi invertida, em que um Estado foi constituído para depois investir na querença. Entretanto, nem todas as nações se estabelecem nesse modelo político-territorial, vide o Curdistão. Mas vale ressaltar que, apesar disso, a relação entre nação e Estado é muito significativa para compreender a luta curda.

Um exemplo disso é que o sentimento já existente antes do desmantelamento do Império Otomano sobreviveu após os Tratados de Sèvres e Lausanne. Na verdade, essa ligação se fortaleceu e fez com que a diligência se revigorasse, especialmente nos últimos anos. A situação mais emblemática dessa força é o apoio internacional na batalha contra o Daesh, em que se relatou a existência de mais de 2 mil curdos se juntando ao combate contra o grupo terrorista (CALATAYUD, 2014).

Nesse sentido, é interessante observar a contribuição de David Romano (2006, p.2) para os aspectos nacionalistas, pois, segundo o pensamento por ele desenvolvido, há três componentes a serem analisados no movimento da nação curda: contexto político, mobilização dos movimentos e a ideia de identidade. Ademais, Romano ainda ressalta que esses temas são essenciais para a compreensão do desafio da criação de um Estado para os mesmos.

Com isto posto, nota-se que o exemplo do enfrentamento ao Daesh exemplifica, a partir das postulações de análise teórica providas por Romano, como o nacionalismo de antemão presente se fortaleceu a despeito dos obstáculos. Assim como, tal conjuntura, para além dos outros cenários que compõem a história curda, denota que o lado prático desses componentes é um dos principais fatores na sua busca por autonomia e emancipação.

Dessa forma, torna-se necessário estabelecer uma breve historicidade dos acontecimentos que cimentaram a situação vigente em relação aos seus entraves e sua constituição territorial. Pois, apesar de ser um grande desafio definir as origens do povo curdo, uma vez que são, na realidade, o produto de milhares de anos de contínua evolução, assimilação de culturas e migrações introduzidas naquela região, tal empreitada é possível através de um estudo cauteloso das áreas marcadas por eles (STANSFIELD, 2003).

Haja vista que o Curdistão não existe como um Estado independente de fronteiras definidas e, em razão dessas incertezas, o território é delineado academicamente por duas frentes complementares, as quais refletem que o Curdistão é “todos os territórios onde o povo curdo residiu e reside até o momento presente” e que é, genericamente, o conjunto dos territórios nos quais os curdos constituem uma maioria étnica (MELLA, 2005, p. 21, tradução nossa; PEIXINHO, 2010, p. 4).

No aspecto populacional, há evidências de que já ultrapassam a marca dos 30 milhões de curdos e, em grande parte, estão concentrados em múltiplas regiões do Oriente Médio, mas principalmente no que entendemos hoje como os Estados da Turquia, Iraque, Irã e Síria. Contudo, ressalta-se que há uma dificuldade expressiva em averiguar a população curda presente em cada um desses países, pois não há dados oficiais confiáveis acerca do tema, uma vez que os governos impõem limitações. Como expõe McDowall (1992), na Turquia, por exemplo, apenas os curdos aptos a falar turco são contabilizados para fazer o censo da população. No Irã, por sua vez, nem mesmo são considerados e regis-

trados como minoria.

Entretanto, vale estabelecer que o mundo curdo é diverso e não existe um critério linguístico ou religioso exato que possa defini-lo. Dessa maneira, cabe dizer que a divisão e multiplicidade têm raízes em, não apenas, mas também, fatores geográficos. Para tanto, o artigo se baseia no modelo territorial segmentado nos quatro países citados acima, designado pela língua kurdî como Bakur (Curdistão do Norte - Turquia), Bashur (Curdistão do Sul - Iraque), Rojhilat (Curdistão Oriental - Irã) e Rojava (Curdistão Ocidental - Síria).

Ademais, em contrapartida, observando as características que trazem como conjunto, é possível enxergar um padrão centrado em um forte senso de pertencimento tribal, ao mesmo tempo em que caminham em direção aos avanços urbanos. Em suma, pode-se dizer que o Curdistão não é uma entidade política definida, nem um Estado, mas uma região de aproximadamente 191.600 km² que perpassa vários países (STANSFIELD, 2003). E assim, a partir desse breve contexto histórico, busca-se conceber com os tópicos subsequentes uma perspectiva mais aprofundada das lutas do povo curdo.

3 CONJUNTURA POLÍTICA: TURQUIA E SÍRIA

3.1 TURQUIA

O Estado turco, documentadamente, tem um discurso dúbio a respeito dos curdos, sendo marcado majoritariamente por momentos de repressão, ainda que movimentos conciliadores tenham sido articulados ao longo dos anos. Particularmente, isso se deve ao fato de o país adotar posturas distintas para cada organização política das quais os curdos façam parte, como por exemplo o elo comercial amistoso que a Turquia mantém com Bashur, o qual controla regiões ricas em petróleo.

Na trajetória histórica é possível observar essas flutuações em razão de alguns eventos como o golpe de 1980, o qual ocorreu dois anos após a criação do Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK). Com isso, em detrimento da inércia na alteração de posicionamentos e do cenário geopolítico, houve uma reconfiguração voltada para os ideários do Confederalismo Democrático, provenientes dos escritos realizados em cárcere pelo líder do partido, Abdullah Öcalan, em 1999. Gradualmente, em 2009, são ensaiadas as primeiras negociações de paz entre PKK e o governo turco, culminando no estabelecimento

de um cessar-fogo unilateral por parte dos curdos quatro anos mais tarde. No entanto, ataques promovidos pelo Daesh, em 2015, desestabilizaram a relação mais uma vez, provocando respostas militares entre as partes.

Nesse sentido, o que se tem como quase constante é a verbalização da Turquia para o Sistema Internacional de sua oposição ao PKK, classificando-o como ameaça. Essa mesma lógica é aplicada sobre os movimentos curdos que atuam na guerra da Síria, posto que, na visão de Ancara, o Partido da União Democrática (PYD) é aliado do PKK e as forças curdas que combatem o autointitulado Estado Islâmico são braços armados de tal partido. Dessa forma, a Turquia assume um discurso de combater tanto o Daesh quanto os curdos, já que ambos se enquadram como grupos terroristas. Ainda nessa perspectiva, quando outros atores internacionais rotularam positivamente a ação curda, como se viu durante a guerra na Síria, o governo turco acreditava que isso comprometeria seus vínculos estratégicos e que levaria a um movimento internacional pró-autonomia curda.

3.2 SÍRIA

Por sua vez, os curdos na Síria habitam basicamente em três zonas, Efrîn, Kobanî e Cizîrê, e, portanto, concentram-se primordialmente ao norte do país, onde sofrem para além da supressão síria, com fragmentações internas que resultam em mais de 30 facções (SOPRANI, 2017, p. 4). Nesse sentido, a respeito da relação entre o país e os curdos, nota-se que é igualmente instável à turca, pois eles amargam com repressões e assimilações em todos os âmbitos, assim como uma política de arabização da região, que foi implementada, principalmente, via confisco de terras.

Essa comparação à Turquia fica ainda mais enraizada ao observarmos o episódio em que tal governo pressionou um acordo, levando a Síria a ceder à demanda de expulsar o PKK do seu território, em oposição à alternativa do próprio exército turco adentrar para retirá-los. Entretanto, após esse feito em 1999, ao perder o apoio do Partido, o povo curdo sírio começou a se reorganizar e criar estruturas de contrapoder, seguindo o paradigma político do Confederalismo Democrático. E para isso, em 2003 foi formado o Partido da União Democrática, que rapidamente ganhou muita força e se tornou a organização de referência da região, mas, que sem exceção, veio acompanhado de desafios

e novos obstáculos nos anos posteriores.

Em 2004, ocorreram graves distúrbios em Qamishli, que resultaram em um massacre por parte do regime Assad, levando à morte de cerca de 30 curdos desarmados. Assim como em 2011, foram feitos diversos protestos em Amuda (cidade localizada no mesmo distrito de Qamishli), pedindo por liberdade e democracia, o que gerou uma contrarresposta por parte do Bashar al-Assad de permitir o registro deles como cidadãos árabes. Respectivamente, o que se sucedeu desses dois eventos foi: (1) o movimento passou a ser mais ativo e contou com a formação das primeiras unidades armadas de autodefesa (integrantes das Forças Democráticas da Síria – SDF), as Unidades de Defesa Popular (YPG) e, acrescida em 2013, a Unidade de Defesa Feminina (YPJ); (2) a rejeição de tal proposta, pois, segundo, Kher Adeen Murad, Secretário Geral do Partido, “conceder cidadania não satisfará todas as demandas curdas. Queremos que o governo mude a constituição para reconhecer os curdos como uma segunda nacionalidade e que nos concedam autonomia cultural e linguística” (THE NEW HUMANITARIAN, 2005).

Historicamente, esse processo ganhou novas dimensões com o advento, em 2011, do que ficou conhecido como Primavera Árabe, em que os curdos assumiram o controle de algumas áreas do território sírio e posteriormente, com a evolução da Guerra Civil, passaram a lutar concomitantemente em duas frentes, contra o governo sírio e contra os extremistas do grupo terrorista Daesh (PAASCHE, 2015, p. 77). Desse modo, com os ataques sistemáticos contra Rojava, os processos passaram a contar com a alta participação do PYD e as suas milícias, YPG e YPJ. Além disso, como exposto por Sinjab (2016, tradução nossa), “os curdos foram atacados por alguns grupos islâmicos como Jabhat Al-Nusra, e, portanto, sentiram que não faziam parte da Revolução Síria. Eles pensaram que deveriam aproveitar a oportunidade e proteger os interesses curdos”. É por isso que inicialmente os curdos tentaram se manter à margem do conflito civil, optando por seguir a “terceira via” na guerra, isto é, não apoiar a nenhum dos dois, declarar autonomia da região e defendê-la dos ataques externos.

Consequentemente, as milícias de autodefesa foram criadas, como já explanado, com o intuito de controlar seu território, se dedicar a implementação de uma transformação social e cultural, e prover uma nova administração curda. Mas para além dessa participação, a milícia YPJ teve um caráter ímpar pois, após relatos de que os terroristas capturavam mulheres curdas e yazidis, as

usavam e vendiam como escravas sexuais, sendo vítimas constantes de abuso e violência. Com isso, as mulheres da região passaram a participar dos treinamentos militares e integrar a unidade, a qual inicialmente era apenas para defesa, mas com o crescimento e o valor comprovado no campo de batalha, tornaram-se grande e importante parte das forças curdas de combate, principalmente ao Daesh.

Por fim, essa experiência resumida acima passou por maiores complexidades, haja vista que, devido à grande pressão do governo de Recep Tayyip Erdogan, a administração de Rojava não participa das conversas do processo de paz, sendo ignorado o reconhecimento da sua participação na guerra. Por conta disso, em fevereiro de 2016, as comunas e assembleias de Rojava decidiram não depender dessas negociações e declararam a coordenação dos territórios no norte da Síria por meio de um sistema federalista e democrático, como é esboçado na carta da assembleia, em consonância com o projeto político fundado.

4 CONFEDERALISMO DEMOCRÁTICO

O Confederalismo Democrático é um programa resultante de um processo de autocrítica do PKK, em que o seu líder Abdullah Öcalan promoveu uma alternativa ao Estado-nação e ao socialismo de Estado, dando luz à perspectiva de um Curdistão independente, unido e democrático. Em outros termos, um modelo de autogoverno que se constrói sobre “a autogestão das comunidades locais e se organiza em conselhos abertos [...]. Os próprios cidadãos são os atores de um governo deste tipo, não as autoridades estatais” (ÖCALAN, 2009, p.32, tradução nossa). Ademais, é crucial destacar os três pilares que regem esse programa: Libertação das mulheres, Ecologia e Democracia.

E foi em Rojava que uma histórica oportunidade emergiu para colocá-lo em prática, pois contou com um facilitador denominado Tev-Dem (Movimento por Uma Sociedade). Dessa forma, a partir da implementação, a sociedade curda passou a se organizar em comunas, uma espécie de vizinhança conscientemente auto-organizada. O qual resgata as tradições do comunalismo primitivo (*Kom*), este que se resguardava nas assembleias e conselhos presentes nas comunidades antepassadas, “organizadas de forma voluntária e lideradas pelas matriarcas” (GUARCH, 2019. p.51).

Nesse sentido, a organização societária atual visa incorporar estruturas que forneçam um alicerce democrático, à exemplo dos comitês criados para atender demandas específicas como economia, segurança, educação, mulheres e juventude. Havendo, portanto, um trabalho para o desenvolvimento de uma sociedade “moral-política” feita por indivíduos conscientes que compreendem como resolver questões sociais e que possam tomar conta do autogoverno cotidiano como responsabilidade comum, em vez de submeterem-se às elites burocráticas. Conseqüentemente, seguindo essa linha de pensamento, é posto em prática a ideia de que quanto mais diversa for a nação, mais forte será sua democracia, e para tanto, entre os parlamentares estão curdos, armênios, árabes, assírios, muçulmanos, alevitas, cristãos e yazidis.

À luz dessa singularidade do sistema de autonomia democrática nos três cantões sírios e do contraponto que essa democracia faz aos países ocidentais e democráticos, um membro árabe da administração de Rojava explica que a organização política deles preocupa o mundo. Em sua visão, “o sistema capitalista não quer liberdade e democracia para o Oriente Médio [...]. Porém, mais e mais árabes do resto da Síria vêm a Rojava para aprender mais sobre a autonomia democrática, porque veem uma perspectiva para a liberdade aqui” (DIRIK, 2016, p. 22), a qual se estende a ambos os gêneros uma vez que, seguindo naturalmente as diretrizes de Abdullah Öcalan, há a concepção de que a liberdade do povo curdo só se tornará possível a partir do momento em que a das mulheres também ocorra. Para maior compreensão desses termos de convivência social e arranjo político, a temática será estendida no ponto que se segue.

5 MULHERES: POLÍTICA E GUERRA

Para entender especificamente o papel das mulheres em Rojava e as singularidades por elas vivenciadas é preciso elucidar qual dinâmica estão socialmente inseridas. Ou seja, deve-se compreender o seu histórico de luta e a organização política via Confederalismo Democrático, o qual prevê enquanto projeto, como exposto anteriormente, a libertação das mulheres.

Esse pilar que as compreende já vinha sendo fomentado antes mesmo da instituição desse programa político, alavancado pelas próprias mulheres em 1987 com a criação de uma organização de curdas exiladas em Hannover (Alemanha), a União das Mulheres Patrióticas do Curdistão (*Yekitiya Jinen We-*

laparezen Kurdistan - YJWK). Seus louros foram gerando outros movimentos, dando origem ao seu atual centro, onde as demais articulações funcionam ao redor do *Koma Jinên Bilind* (Alto Conselho de Mulheres – KJB) (DIRIK, 2016, p.65-66).

De igual modo, essa participação ativa é observada na presença de figuras fora do campo político institucional, marcando sua contribuição nas lutas armadas e sociais. Porém, isso só ocorreu em decorrência das mudanças implementadas, as quais para se enraizarem na sociedade, precisavam da participação e movimentação das próprias mulheres. Como por exemplo a história da Bushra, uma jovem de Tirbespe, que elucida em sua experiência pessoal esse fenômeno social:

Quando as primeiras pessoas vieram à nossa casa, alguns anos atrás, perguntar se nossa família gostaria de participar das comunas, eu joguei pedras para que se afastassem [...] agora eu transformo minha comunidade de forma ativa [...] As pessoas me procuram o tempo todo, se me perguntassem [antes], eu nem saberia dizer o que significa um conselho ou o que as pessoas fazem em assembleias. (DIRIK, 2016, p. 16).

Para além disso, observa-se que socialmente dois elementos se sobressaem no âmbito estrutural: o tribal e o matriarcal. No que tange à questão de gênero, a sociedade curda expõe essa participação feminina por meio das chefes tribais, que dirigiam a resistência armada curda, pela participação destas nas manifestações e pelo recepcionamento de estrangeiros em sua casa. Mas também, sobretudo com a incursão do Confederalismo Democrático e com a presença de uma ala militante de mulheres dentro do movimento curdo, o papel delas, outra vez, é de liderança, com o lema “*Jin, Jiyan, Azadi!*” (Mulheres, Vida, Liberdade!). Ofício que está presente em todas as manifestações e parlamentos, tendo se convertido em uma forma de compreender a vida no Curdistão (LES FILLES DU SOLEIL, 2018).

E é nesse sentido que a YPJ ganhou tanta importância para a perpetuação e concretização de uma sociedade igualitária entre gêneros. Essas mulheres se engajaram na luta pela sobrevivência, tendo como maior contraforça o já mencionado Estado Islâmico, o que levou a um reforço do ideal de coletividade enquanto peça-chave na sociedade curda. Contudo, vale ressaltar que esse processo necessita ser contínuo, pois algumas práticas patriarcais ainda persistem, mesmo na porção territorial curda mais permeada pelo Confederalismo Democrático, como Rojava.

Resumidamente, apesar dessa dupla essência permanecer na sociedade,

não podemos descaracterizar o progresso conquistado, ou que as mulheres e a sociedade em geral mantêm a luta apenas contra os ataques de grupos terroristas. O seu campo de batalha também diz respeito à igualdade de gênero e a um projeto de emancipação social, como é possível ver pela explicação de uma das combatentes da Unidade de Defesa Feminina: “Nós, das YPJ, estamos em guerra em Rojava por necessidade. Nossos ideais vão além de Rojava. Queremos lutar em escala global. Queremos que o mundo nos conheça por nossas ideias, não por nossas armas” (PAASCH, 2015, p. 178, tradução nossa).

Desse modo, compreende-se que a análise sobre as mulheres é composta de diferentes camadas de opressão, as quais perpassam pelo: gênero; os sequestros e abusos perpetrados pelo ISIS; a violência exercida pelos Estados turco e sírio; e os resquícios do patriarcalismo em Rojava. Um exemplo disso na sociedade curda é Sakine Cansiz, co-fundadora do PKK e pioneira na organização política das mulheres, que foi assassinada em 2013 e é vista como símbolo de resistência à extrema violência e repressão, tendo almejado contornar esses cenários por meio da organização e formação de redes de solidariedade.

Tal movimentação é exposta por Melike Yasar, em entrevista concedida à Florencia Guarch (2019, p.45-46), ao relatar que as ações de Sakine inspiram outras mulheres dentro e fora das prisões, fomentando não só a organização, mas também o desenvolvimento da consciência de que no cárcere o “controle dos corpos através da violência física é comparado à invasão e domínio territorial do poder colonial”. Pois, compreende-se que a violência perpetrada pelo Estado no Curdistão reverbera nos corpos femininos mediante o estupro e a tortura (SEGATO, 2003; GUARCH, 2019. p.45-46).

Nesse sentido, compreende-se que “o despertar da consciência sobre a opressão do sistema patriarcal é a espinha dorsal do movimento de mulheres curdas, das montanhas à diáspora” (MIRANDA, 2016, p.12-13). E, portanto, não é possível analisar o trauma e o seu processo de recuperação enquanto mulher curda simplesmente na ferida de um indivíduo resultante de um conflito.

6 CONFLITO EM KOBANÎ

O cenário político-social, no qual as mulheres curdas de Rojava estão inseridas é complexo, pois elas estão em um território que não é reconhecido pelas esferas internacionais como um Estado-nação e nem mesmo como detentor de autonomia. Em um segundo plano, oficialmente compreende-se que

elas fazem parte da Síria, mas sofrem repressão por não serem sírias *de facto*, e sentem os impactos da guerra que assola o país.

A terceira camada se deu com maior intensidade em 2014, quando o Daesh iniciou a maior ofensiva da sua história, conquistando espaços tanto no Iraque quanto na Síria, local em que, especificamente ao seu norte, ocorreu o Cerco de Kobani. Tal episódio movimentou em profusão as forças políticas e armadas curdas, assim como contou com maior visibilidade da comunidade internacional. Em continuidade às investidas no território de Rojava, a crise ganhou contornos humanitários singulares quando o grupo terrorista, disperso pelos ataques aéreos e pelo reforço aos curdos, iniciou uma perseguição contra a minoria yazidi, cercando-a no topo do Monte Sinjar. Esse cenário rapidamente angariou espaço nas mídias internacionais, o que estimulou discussões sobre a necessidade de agir, com o intuito de evitar um genocídio.

Um dos atores imediatamente requisitado foi Massoud Barzani (ex-presidente da região do Curdistão iraquiano e líder do Partido Democrático do Curdistão), sobre o qual aumentou exponencialmente a pressão para que algo fosse realizado, mas sua capacidade de ação estava reduzida, haja vista que suas forças militares estavam deterioradas após os primeiros esforços contra o Daesh. A partir dessa situação, solicitou-se o apoio do PYD na Síria, imaginando que o resultado seria mais eficaz no embate e, de fato, houve uma resposta relativamente rápida. Nesse momento, as milícias, sob a coordenação do YPG e do PKK, se posicionaram ao redor do monte, expulsando o grupo terrorista e permitindo o resgate dos yazidis.

No que diz respeito aos Estados Unidos, sua participação através do envio de forças especiais foi complexa, posto que Washington se aproximava do PYD e do PKK nas operações do Monte Sinjar. Com isso, não só uma imagem internacional favorável ao PKK foi gerada, mas também acarretou numa “escolha de Sofia” para a capital estadunidense. Pois esta observou a necessidade de atuar em conjunto com o grupo que um dos seus aliados regionais, a Turquia, considera terrorista, o que claramente não correspondeu ao panorama satisfatório visado pelo presidente Erdogan.

Quanto à Rússia, apesar da sua histórica disputa com os Estados Unidos, no que diz respeito ao apoio aos curdos e sua luta contra o Daesh, sua posição foi análoga. Nesse sentido, “segundo o presidente do Conselho de Política Externa e de Defesa da Rússia, Fyodor Lukyanov, a decisão de enviar armas aos

curdos no Iraque mostra abertamente as mudanças da política de Moscou em relação ao Oriente Médio” (LITÔVKIN, 2016). Pois, “não há nada errado em se aliar a forças que lutam contra o Estado Islâmico” (LITÔVKIN, 2016), incluindo o fornecimento de cinco canhões automáticos antiaéreos ZU-23-2 de 23mm.

Além disso, o ex-chefe do departamento da Organização para Cooperação de Xangai no Instituto da Comunidade dos Países Independentes, Vladímir Evseev, sugere que além de seu país, “os Estados Unidos, a Alemanha e o Irã também fornecem ajuda militar à milícia peshmerga (guerrilheiros curdos iraquianos). Cada país tem acordos que especificam que tipo de armamento pode ser fornecido na luta contra o EI [Estado Islâmico]” (LITÔVKIN, 2016).

Essas dinâmicas, como aponta Evseev, foram contempladas também por uma campanha dos países ocidentais. Tendo Erbil (capital do Curdistão iraquiano) como ponto de entrada, países como Reino Unido, Luxemburgo e Alemanha enviaram remessas de equipamento militar (UOL/EFE, 2014). Mas esse fator acarretou mais um tópico de complexidade ao conflito, pois duas premissas partem deste discurso, a primeira de que os grupos curdos são homogêneos e a segunda de que tais grupos seriam os representantes dos interesses ocidentais na região. Esta última pode ser observada pela fala da ex-ministra alemã da Defesa e atual presidente da Comissão Europeia, Ursula Von Der Leyen em sua visita à Erbil, alegando que “os Peshmerga não estão apenas lutando pelo seu próprio país, mas por todos nós” (METZGER, 2016).

Em um segundo momento, com a estabilização no Monte Sinjar, a atenção se voltou para Kobanî novamente, pois, embora os curdos estivessem confrontando o Daesh desde 2012, foi em 2014 que um ataque sustentado pode ser observado. Em continuidade ao envolvimento da comunidade internacional, que discutia as consequências de os curdos terem sido escolhidos para enfrentar a guerra por procuração do Ocidente e suas possíveis consequências estratégicas (BAZZI, 2017), a imprensa descreveu uma vez esse cenário como “a maior batalha contra o Daesh [...] que irá mudar os rumos da região” (BBC, 2015).

Enquanto isso, por outro lado, a Turquia continuou a tecer críticas sobre os auxílios internacionais para Kobanî, argumentando que qualquer ajuda seria desviada para o PKK, e sem que houvesse um enfrentamento ao Bashar al-Assad. Além disso, Erdogan não permitiu que os curdos na Turquia cruzassem a fronteira para auxiliar no combate e se recusou a atacar as posições sustenta-

das pelo Daesh, mesmo com proximidade territorial e capacidade operacional (BBC, 2017). Esse posicionamento turco fomentou manifestações internas por parte da população curda de Bakur que, em outubro de 2014, sofreu com a represália do governo, acarretando na morte de membros por forças policiais, além de ações aéreas turcas contra áreas controladas pelo PKK.

7 CONCLUSÃO

Em suma, há anos o Oriente Médio vem sendo o tabuleiro de diversas guerras travadas internamente e/ou com ingerência de outros Estados, gerando um contexto de episódios obtusos, que movimentam os cenários e seus atores. Porém, o evento que ressignificou todo o jogo de alianças e anseios foi o Cerco de Kobanî, pois esse caso curdo demonstrou como a rede de relações é emaranhada e antagônica. E por isso é de vasta importância assumir tal complexidade e, conseqüentemente, evitar simplificações ao discorrer sobre esse objeto de análise.

Com isso em mente, a escolha pela análise do contexto macro ao micro faz-se necessária para o melhor entendimento da questão como um todo, ao mesmo passo em que se observa a comunidade internacional. Pois, apesar do apoio prestado aos curdos, o histórico entre essas duas esferas mostra que ainda há tópicos latentes em sucumbência, tendo a possibilidade de resolução atrelada aos interesses pontuais dos atores.

Outro fator relevante é que não se pode resumir esse conflito a um simples embate entre Estados Unidos e Rússia em território sírio. As instituições da comunidade internacional também possuem um papel importante, em particular a Organização das Nações Unidas (ONU), que é extremamente criticada em relação a esse tema. Entretanto, ela não é um organismo autônomo, pois essas decisões vêm do Conselho de Segurança, o qual conta com Estados que perseguem os seus próprios interesses nos confrontos do Oriente Médio, muitas vezes alimentando-os.

O caso curdo é um exemplo prático de diversos tópicos de debate no Sistema Internacional, como a questão do nacionalismo, a contribuição das mulheres para uma comunidade engajada política e socialmente, sem perder de vista a sua história e identidade, como se observa nos componentes postulados por David Romano sobre a construção do Curdistão. O cerco de Kobanî retratado neste artigo é apenas um exemplo dos desafios que não somente a popu-

lação curda, mas toda a comunidade internacional tem que enfrentar.

E a partir dessas prospecções, compreende-se nesse trabalho que o desenvolvimento da reconexão, visando um aprimoramento do Confederalismo Democrático para dar conta de estabelecer uma justiça relativa, a qual deve suprir os lapsos de responsabilidade dos múltiplos atores. Além disso, deve-se visar na coexistência em Rojava, resgatando os valores do comunalismo primitivo, a renovação do sentimento de integração, o qual se enfraquece com as consequências dos ataques constantes e de origens diversas que transbordam para o tecido social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAZZI, Mohamad. The Growing U.S.-Iran Proxy Fight in Syria. **The Atlantic**, 2017. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/international/archive/2017/06/iran-syria-trump-saudi-arabia-escalation-isis/530844/>. Acesso em: 20 de set. de 2020.

BBC NEWS. Battle for Sinjar: Kurds “advance on IS-held Iraqi town.” **BBC News**, 12 de nov. de 2015. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-middle-east-34795506#:~:text=Kurdish%20forces%20say%20they%20are,strongholds%20of%20Mosul%20and%20Raqqa>. Acesso em: 24 de set. de 2020.

BBC NEWS. Who are the Kurds? **BBC News**, 15 de out. de 2019. Disponível em: <http://www.bbc.com/news/world-middle-east-29702440>. Acesso em: 24 de set. de 2020.

CALATAYUD, José. “Venho de muito longe para lutar”. **El País**, 2014. Disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2014/09/24/internacional/1411586367_085064.html. Acesso em: 22 de set. de 2020.

DIRIK, Dilar *et al.* A Revolução Ignorada: feminino, democracia direta e pluralismo radical no Oriente Médio. São Paulo: **Autonomia Literária**, 2016.

FARO, José Antônio. A arquitetura das guerras no Oriente Médio. **Revista Pano de Fundo**, 2015.

GUARCH, M. Florencia. **A Trajetória do Movimento de Mulheres no Noroeste do Curdistão: A Institucionalização do Confederalismo Democrático e da Jineologi (1978-2018)**. Dissertação de mestrado em Ciência Política. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2019.

GUIDÈRE, Mathieu. **O Choque das Revoluções Árabes**. Paris: Autrement, 2011.

HEVIAN, Rodi. The main Kurdish political parties in Iran, Iraq, Syria, and Turkey: A Research Guide. **Middle East Review of International Affairs**, vol. 17, n. 2, 2013.

LANDOLI, Rafael. Qual o papel dos curdos nos conflitos do Oriente Médio. **Nexo**, 28 de ago. de 2016. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/08/28/Qual-o-papel-dos-curdos-nos-conflitos-do-Oriente-Médio>. Acesso em: 10 de set. de 2020.

IZADY, Mehrdad. **The Kurds: A Concise Handbook**. Estados Unidos: Taylor & Francis, 1992.

LES FILLES DU SOLEIL. Direção: Eva Husson. Produção de Maneki Films. França: Wild Bunch Distribution, 2018. (115 min.)

LITÔVKIN, Nicolai. Moscou oficializa envio de armas a curdos iraquianos. **Russia Beyond**, 18 de mar. de 2016. Disponível em: https://br.rbth.com/defesa/2016/03/18/moscou-oficializa-envio-de-armas-a-curdos-iraquianos_576887. Acesso em: 05 de out. de 2020.

MCDOWALL, David. **The Kurds: A Nation Denied**. Hardcover, 1992.

MELLA, Jawad. **Kurdistan and The Kurds: A Divided Homeland and a Nation without State**. Reino Unido: Western Kurdistan Association Publications, 2005.

MENDES, João M. A questão curda recentra a Turquia no Médio Oriente. **Janus**, 2008.

METZGER, Max. Germany and Sweden to Send Troops and Increase Aid to Kurds Battling ISIS. **Newsweek**, 12 de jan. de 2016. Disponível em: <http://www.newsweek.com/germany-and-sweden-send-troops-and-increase-aid-kurds-battling-isis-298740>. Acesso em: 01 de out. de 2020.

MIRANDA, Sarah Siqueira de. **Por uma “dupla revolução”**: movimento de mulheres curdas na luta contra a opressão étnica e de gênero. Trabalho apresentado na 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre 03 e 06 de agosto de 2016, João Pessoa/PB.

MOURENZA, Andrés. A guerra que os curdos vencem: A minoria marginalizada pelo regime tirou proveito do caos da guerra civil. **El País**, 15 de mar. de 2016. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/03/14/internacional/1457956519_674106.html. Acesso em: 27 de set. de 2020.

NAPOLEONI, Loretta. **A fênix islamista: o estado islâmico e a reconfiguração do oriente médio**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

ÖCALAN, Abdullah. **War and Peace in Kurdistan: Perspectives for a political solution of the Kurdish question**. Cologne: International initiative Edition “Freedom for Abdullah Öcalan - Peace in Kurdistan”, 2009.

PAASCHE, Till F. Syrian and Iraqi Kurds: Conflict and Cooperation. **Middle East Policy**, 2015. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/mepo.12114>. Acesso em: 03 de out. de 2020.

PEIXINHO, Maria de Fátima. **O Curdistão no Iraque, ensaio de uma Nação**: Contexto e Desafios. Dissertação (mestrado) de Relações Internacionais. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 2010. Disponível em: <https://bdigital.ufp.pt/handle/10284/2292>. Acesso em: 10 de set. de 2020.

ROMANO, David. **The Kurdish Nationalist Movement: Opportunity, Mobilization, and Identity**. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2006.

SEGATO, Rita. La estructura de género y el mandato de la violación. In: Las estructuras elementales de la violencia. **Prometeo, Quilmes**, 2003. p 21-53.

SINJAB, Lina. Can Syria’s Kurds realise territorial ambitions? **BBC News**, 25 de jul. de 2016. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-middle-east-36773195>. Acesso em: 16 de set. de 2020.

SOPRANI, Carolina et al. A Questão Curda. **Observatório de Conflitos Internacionais**, 2017. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/Extensao/observatoriodeconflitosinternacionais/serie---a-questao-curda-fevereiro.pdf>. Acesso em:

11 de set. de 2020.

SOUSA, Fernando. Dicionário de Relações Internacionais. Porto: **Afrontamento**, 2005.

SPOHR, Alexandre; ANDRIOTTI, Luiza; SOARES, Josué Gihad. A situação dos curdos na Turquia e no Iraque: uma análise comparativa. **Revista Perspectiva**, Rio Grande do Sul, ano 4, p. 95, fev./mar. 2011.

STANSFIELD, Gareth. **Iraqi Kurdistan**: Political Development and Emergent Democracy. Nova Iorque: Routledge, 2003.

THE NEW HUMANITARIAN. For many Kurds, statelessness remains a way of life. **The New Humanitarian**, 20 de nov. de 2005. Disponível em: <https://www.thenewhumanitarian.org/report/25713/syria-many-kurds-statelessness-remains-way-life>. Acesso em: 26 de set. de 2020.

UOL/EFE. Reino Unido apoia envio de armas ao Iraque. **UOL/EFE**, 15 de ago. de 2014. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/efe/2014/08/15/reino-unido-apoia-envio-de-armas-ao-iraque.amp.htm>. Acesso em: 29 de out. de 2021.